1

Introdução

1.1

Primeira Introdução

Por que Gonçalo M. Tavares? Ou por que *Jerusalém*? Ou ainda: Por que o corpo em *Jerusalém*? — São indubitavelmente as primeiras perguntas que sinto que preciso colocar por aqui. E deve ser por isso que há mais de um ano tento respondê-las.

Gonçalo M. Tavares é um escritor português, nascido em 1970. Ganhou diversos prêmios, foi elogiado por José Saramago, e já tem publicados neste momento mais de vinte e cinco livros (entre poesia, contos, teatro, e romances, além de outros gêneros que não saberia aqui classificar) por diversas editoras portuguesas e brasileiras, além de ter sido traduzido para outras tantas línguas.

Sua produção é bastante vasta para alguém de sua idade, e foi de certa maneira difícil escolher sobre qual parte de sua obra eu viria a me debruçar. Sobretudo porque quando decidi por trabalhar com um romance sabia que deveria escolher dentre quatro romances. Afinal, *Jerusalém* faz parte de uma quadrilogia, oficialmente chamada *O Reino*, e composta pelas seguintes narrativas: *Um Homem Klaus Klump*, *A Máquina de Joseph Walser*, *Jerusalém* e *Aprender a Rezar na Era da Técnica*. Como preta é a cor que as capas das quatro publicações receberam, optou-se também por se referir ao conjunto de romances, simplesmente, como Livros Pretos.

Bom, *Jerusalém* foi o primeiro romance que eu li do autor, em uma altura em que ainda não tinha conseguido ter acesso aos quatro romances, mas penso que a maneira como esta história me afetou e mais ainda, a maneira como a personagem Mylia, que é uma espécie de heroína do romance, me afetou, foi definitiva na escolha do texto.

Gonçalo trabalha o corpo de maneira bastante semelhante nos outros romances, e em alguns momentos certamente eles vão aparecer neste trabalho,

bem como outras obras do autor, bem como muitas outras obras de outros autores, mas é a história de Mylia que eu quero explorar aqui. E explorá-la de modo a evidenciar nessa história como a questão do corpo se relaciona com os temas do erotismo, subjetividade, monstruosidade, resistência e outros que se poderão vislumbrar, eu espero, na leitura deste texto.

Enfim, eu sabia sobre os temas que gostaria de abordar quando escolhi estudar a obra de Gonçalo, e sabia que esses temas se encontrariam presentes de alguma maneira em sua obra. Mas talvez por que ainda não soubesse por onde começar o meu trabalho, comecei a ensaiar respostas para o porquê da minha escolha, traçando um caminho que começa um tanto antes de eu decidir estudar propriamente o corpo. Um caminho que vou tentar encurtar aqui.

A escolha do autor se dá, em primeiro lugar pelo fato de este ser contemporâneo; pelo meu querer falar de uma solução artístico-literária que se encontre no presente. Afinal eu preciso crer numa solução possível para esse meu agora. Algo que me faça respirar mais confortável.

Em segundo lugar, porque ele acredita no poder da arte fazer sentir; porque ele acredita nessa espécie de revolução que a arte pode promover, diferente da revolução que os realistas buscavam, pois não pelos caminhos da razão.

E, finalmente Gonçalo porque nele também encontro outro tema que então mais tarde descobri que queria abordar — o corpo. O corpo se tornou o personagem principal desta dissertação pra mim, mas até começar a escrever propriamente a dissertação eu não sabia o porquê. E por hora darei uma resposta que não deixa de ser verdade: é nele que sentimos.

Como não falar do corpo se qualquer sujeito sente inequivocamente, com ele? O corpo nosso código de barras, que ao ser decifrado vira código genético. Que até será possível de decifrar, mas nem tanto que um dia possamos descobrir o que tem no núcleo do núcleo do núcleo da nossa mais ínfima partícula de célula — até mesmo o corpo permanecerá uma verdade indecifrável.

Acho importante ressaltar de antemão que a Nathalia que escreve este texto aparecerá com uma certa frequência ao longo deste trabalho. E neste

percurso ficará mais claro o porquê. Poderia começar dizendo que estou num agora em que a academia aceita muito mais esse tipo de escrita. Eu estou num agora em que a literatura do “eu” está tão mais presente do que já estive. Em que a Internet transforma sites em páginas pessoais, e você tem sempre seu pequeno espaço Big Brother para estampar a sua imagem de sucesso.

Tudo isso virou parte do nosso cotidiano, e (embora não vá me ater a este assunto) acho mesmo relevante que quem escreva agora tenha esses acontecimentos como pano de fundo de sua história pessoal.

Soma-se a isso o fato de que a postura filosófica que adotamos, cada vez mais é a de que o sujeito é quem constrói o objeto. Essa proposição filosófica faz cada vez mais parte do senso comum. E deve-se tomar cuidado com o que certas vezes pode acabar se tornando uma impostura filosófica, mas como ficará claro também logo adiante, essa que vos escreve, acredita que o ponto de vista cria sim o objeto, e mais, que estamos sempre tomados dos nossos afetos, não podendo jogá-los para debaixo do tapete, quando nos empenhamos em qualquer tarefa intelectual. E certamente, o processo afetivo está mais que abundantemente presente na escritura de uma dissertação.

Terei acabado de responder, todos os motivos que me levam a me sentir tão afetada pela literatura de Gonçalo?

1.2

Segunda Introdução

É intenção mesmo, ainda que o texto de Gonçalo assuma um primeiro plano, não diferenciar o estatuto teórico-crítico do literário, entendendo-se tanto a teoria como a literatura como motores de pensamento. É nesse sentido que esta não é nem visa ser uma dissertação *sobre* um autor literário, e que assim sendo, poderia acrescentar à sua fortuna crítica.

Talvez possa dizer desta dissertação, que tenha sido escrita *com* um autor literário, tomada pela paixão despertada pela leitura de sua obra e imbuída das questões que acredito, este escritor também tenha adotado como suas.

Quando digo que este texto é escrito em mosaico, é porque talvez fosse possível lhe traçar vários caminhos de leitura, uma vez que para mim, os assuntos aqui se interligam, seguindo uma lógica que vou procurando esclarecer enquanto escrevo.

Isso faz com que, provavelmente, o texto não seja de uma leitura tranqüila, mas um tanto cheia de curvas e solavancos. Peço desculpas a quem lê.

Ainda que conscientemente, em alguns momentos, eu tenha percebido que estava criando um argumento que serviria para mais de um assunto, ao fim me dei conta do quanto isso aconteceu. Só chegando ao fim me dei conta do mosaico que criei.

Ao mesmo tempo me dei conta de outro dado curioso: o próprio *Jerusalém* tem uma estrutura que não é linear e tranqüila, mas que nos obriga tantas vezes a ir e voltar no livro. Colocar a narrativa em ordem foi extremamente trabalhoso. Apesar disso gostei muito dessa tarefa, talvez tanto quanto de me perder em uma leitura de idas e vindas como é a do romance. Terá *Jerusalém* me contaminado a ponto de eu adotar uma escrita não linear, ou gosto de *Jerusalém* tanto, exatamente porque o romance é escrito dessa maneira? —possivelmente as duas coisas.

Foi engraçado, quando mais tarde minha madrinha me ligou pedindo uma instrução de leitura para *O Jogo da Amarelinha*. Pois a essa altura, eu já pensava que se eu tivesse tido tempo e competência, minha escolha teria sido a de escrever esta dissertação como Cortázar escreveu seu livro.

É evidentemente mais radical a proposta do escritor argentino do que a que encontramos no romance estudado. Mas penso que um aspecto que me atrai nas duas é a não-linearidade.

E aqui também os assuntos se interligam. Eles podem seguir — de um jeito que eu procurei construir — uma lógica linear, mas talvez não necessariamente precisassem ser lidos assim.

Penso ter havido uma certa vocação matemática neste meu percurso intelectual. Como se ao forjar esta estrutura eu tenha forjado uma espécie de fórmula que me divertiu poder testar.

O que é curioso em um trabalho que fala tanto em profundidade e alturas: a necessidade de criação de uma estrutura formal que nunca permite que um

mergulho em um assunto propriamente aconteça — eu não queria fugir ao contato com a superfície do texto, nem deixá-la escapar.

Por conta disso, é possível que esse trabalho esconda algumas promessas não cumpridas — alguns assuntos aparecem e por vezes escapam ao mosaico, e nunca mais consigo retomar, e outros depois de pronto o trabalho já me assombram — a tentação de explicar tudo via a minha estrutura forjada é grande, bem como a tentação de fechar uma chave de interpretação. E talvez a falta de tempo tenha me protegido de incorrer nessas tentações.